

HISTÓRIA ROMANCEADA DA GUERRA DE TRÓIA

Dionigi Cristian Lentini

Um romance
livremente
inspirado
na *Ilíada*
de Homero



Dionigi Cristian Lentini

Historia Romanceada

Da Guerra De Tróia

Аннотация

Romance para rapazes... e não só.

Um romance baseado na *Iliáda* de Homero. Um mito é um modo para dar um sentido a um mundo sem sentido. Os mitos são modelos narrativos que dão um significado à nossa existência. (Rollo May). A mitologia não é uma mentira, a mitologia é poesia, é metáfora. Certamente foi dito que a mitologia é a penúltima verdade – penúltima porque não pode ser expressa com palavras. É mais que palavras. (Joseph Cambell).

Fascinante epopeia histórica - mitológica, com a sua enorme carga de dor e de morte, tem início a partir de um triângulo amoroso cujos lados são: Elena, “femme fatale” ante litteram da lenda homérica; Paride, herói do clássico fascínio viril; Menelao, pálido soberano de Sparta, sobrecarregado da contenda com o valoroso irmão Agamennone. O encontro entre estas personagens vai activar um destino denso de Pathos: Paride, filho do rei Priamo e loucamente apaixonado põe Elena, foge com ela; Menelao, já esposo de Elena, ofuscado pelo ciúme e desejo de vingança, vai declarar guerra em Tróia dando início a uma catastrófica tragédia que durará dez anos.

Em torno a este núcleo central, ganharão vida, ora emaranhando-se ora dissolvendo-se, infinitas vicissitudes ligadas entre elas do invisível Destino: insondável e misterioso, verdadeiro deus ex machina da mitologia grega, o Destino supera, com o seu determinismo absoluto, até a vontade dos deuses. Nesta versão romanceada da epopeia troiana o autor parece já saber que o leitor ficará, contra a sua vontade, seduzido pela trama e que, como as crianças postas diante de uma fábula, no fim de cada capítulo procurarão saber com curiosidade irresistível: “E depois?”.

Содержание

Prólogo	11
Prometeu, as núpcias de Tétis e Peleu e o pomo da discórdia	12
O julgamento de Páris e o regresso à Tróia	19
Конец ознакомительного фрагмента.	23

HISTÓRIA ROMANCEADA DA GUERRA DE TRÓIA
Um romance livremente inspirado na Ilíada de Homero
de Dionigi Cristian Lentini
Tradução de Aderito Francisco Huo



Todos os direitos reservados @ Copyright 2021

AO meu pai

Por ter-me transmitido

O amor pela mitologia clássica

PREFÁCIO

Ao cuidado da Dr.^a Consiglia Mosca

Num livro editado dois anos atrás, com o título Triângulos diabólicos, pesquisa sobre um arquétipo do mal, vem escrito entre outras coisas:

“O ciúme é um sentimento omnipresente. Mais, é uma das

principais declinações da alma humana, relevável desde as noites dos tempos e substancialmente avulsa dos condicionamentos histórico - sociais. Não é por acaso que a mitologia clássica o representou e tipificado”1.

E mais a frente o conceito vem melhor definido:

“No mito....., o ciúme é parteira da tragédia e do sangue”.1

Aqui prevemos que este sentimento, sempre susceptível de desvios alarmantes, representantes da outra face do amor: sejam um como o outro estado da alma, movem na medida proeminente as acções dos homens e, por dentro do mito, mesmo aquelas dos próprios deuses.

A guerra de Tróia, com a sua enorme carga de dor e de morte, toma justamente início a partir de um triângulo amoroso cujos lados são: Helena, “femme fatal” ante litteram da lenda homérica; Páris, herói do clássico fascínio viril; Menelau, pálido soberano de Esparta, sobrecarregado pela contínua contenda com o valoroso irmão Agamenon.

O encontro entre estas personagens vai activar um destino denso de *pathos*: Páris, filho do rei Príamo e loucamente apaixonado por Helena, foge com ela; Menelau, já esposo de Helena, cegado por ciúme e desejo de vingança, vai declarar guerra em Tróia dando início a uma catastrófica tragédia que vai durar dez anos.

Em volta deste núcleo central, ganharão vida, ora emaranhando-se ora dissolvendo-se, infinitas vicissitudes ligadas

entre elas a partir do invisível Destino: insondável e misterioso, verdadeiro deus *ex machina* da mitologia grega, o destino supera, como o seu determinismo absoluto, até a vontade dos deuses.

Como *Ilíada*, cuja escrita de Cristian se refere, assim todos os mitos da antiguidade, longe de propor simplesmente uma pequena história inventada, absolviam à mesma função que hoje vem assumida pela psicanálise. Denso de simbolismo, efectivamente, o mito escavava profundamente na alma do homem tornando-o consciente das usas ocultas pulsões e libertando-o da escravidão do incógnito.

O triângulo amoroso constitui portanto a dinâmica de fundo – ele-ela-o outro – sobre a qual implantam-se infinitas variações, conforme um cenário espaço-temporal que nunca se repete nas suas exigências/instâncias fundamentais. E isso acontece tanto na vida real como na reproposição artística, sobretudo no teatro, no cinema e na literatura.

A história de Helena, Páris e Menelau, representa pois “um arquétipo”, um modelo primário recorrente na complexa lógica dos sentimentos humanos. Até ao ponto de ser considerado o arquétipo do mal em absoluto.

Nada de estranho se o enredo homérico, não obstante o transcorrer de séculos íntegros, volta de vez em quando para fascinar e envolver.

Poucas semanas atrás, repentinamente, este escrito muito fluido e cativante de Cristian, solicitou a minha mente restituindo-lhe o prazer perdido de “ouvir contos”, aquela

ancestral atitude infantil para seguir as míticas fabulações, desde a narração fantástica dos avôs, até os enredos empolgantes de fábulas e lendas.

Comecei a ler e continuei até ao fim, duma só vez, detendo-me frequentemente nas páginas porque, continuamente, nomes e situações engatavam-se em inumeráveis pormenores ha tempo submersos na minha memória apinhada. As sinapses tornadas preguiçosas retomando altitude e reconduzindo-me a leituras que pareciam esquecidas.

Desta forma voltei com satisfação aos anos do liceu, quando, entre estudantes, brincava-se ridicularizando às vicissitudes emaranhadas e incríveis desta acólita ruidosa, feita de personagens e divindades que, entre a mesquinhez e paixão, muitas vezes roçavam o fascínio da loucura.

Mesmo, aprisionados contra a nossa vontade entre livros e velhos bancos, não teríamos por ventura admitido agora que, no fundo, aquelas vicissitudes nos encantarão. Podia suceder que, depois da aula, permanecesse em nós a forte curiosidade de saber quais aspectos teriam tido a história da qual estávamo-nos ocupando pelo mero dever escolar.

Tem razão quem sustenta que o poema homérico não seja outra coisa que o resultado harmónico e poético de uma tradição oralmente transmitida: bastante correspondente à existência terrena, são os conflitos e as situações nele reportadas.

Com esta sua versão romanceada da epopeia troiana, parece que Cristian propõe-se acenando, entre o convidativo e o

divertido. Uma espécie de jogo...quase uma aposta.

Parece já saber que o leitor ficará, contra a sua vontade, seduzido pelo enredo e que, como as crianças postas diante de uma fábula, no fim de cada capítulo procurará saber com curiosidade irresistível: “e depois?”.

Consiglia Mosca

Mottola, 10 de Junho de 2009

ÍNDICE

Prólogo

Prometeu, as núpcias de Tétis e Peleu e o pomo da discórdia

O julgamento de Páris e o regresso à Tróia

O rapto de Helena

O princípio da guerra

À procura de Ulisses e de Aquiles

A injúria à Artemísia e o sacrifício de Efigénia

A perda de Filoctetes

O primeiro ano de guerra

Criseida e Briseida, o abandono de Aquiles e a vingança de

Ulisses

O duelo entre Páris e Menelau

Diomedes e Glauco

O encontro de Heitor e Andrómaca

O duelo entre Heitor e Ájax Telamónio

O duelo entre Pátroclo e Serpedonte e a morte de Pátroclo

O duelo entre Aquiles e Heitor

Os funerais de Pátroclo

A humilhação de Príamo e a restituição do corpo de Heitor

As Amazonas de Pentésiléa e os Etíopes de Memnon

A morte de Aquiles

A demência de Ájax

As três condições

Filoctetes, Neoptólemo e a morte de Páris

O rapto de Paládio

O cavalo e Sinone

A queda de Tróia

Apêndice A – “Os deuses gregos”

Apêndice B – “Genealogias”

Apêndice C – “A Grécia e Tróia”

O Autor

Bibliografia

Prólogo

No tempo em que homens, deuses e heróis eram os únicos verdadeiros donos do seu Tempo, entretendo as próprias existências, confundindo o próprio comportamento/actos, assimilando e partilhando os próprios sentimentos, o Destino deixava reviver, assim como já tinha feito milhões de outras vezes, assim como faz todos os dias não obstante a nossa inconsciência e assim como fará até ao último dia da existência humana, a vicissitude histórica, fantástica e sobretudo do íntimo que com a extraordinária acção, a dinâmica narrativa, o enredo épico, os aspectos psicológicos, os eternos indeléveis valores, inspirou, marcou e condicionou o natural curso da história.

Prometeu, as núpcias de Tétis e Peleu e o pomo da discórdia

Tudo teve o seu início numa alegre manhã primaveril...

Nos montes da Tessália nascia o sol do dia tanto esperado por mortais e imortais.

Finalmente as divinas asas de Hermes, deus da sorte e das viagens mas também mensageiro dos deuses, repousavam exaustos sobre uma confortável cadeira de ebonite, depois de ter distribuído o ditoso convite em toda a parte do universo. No entanto o pequeno Eros, deus do amor, aproveitava brincar com pouco zelo e irregularmente com o Caduceu, na apaixonada espera de atingir com as suas flechas os dois jovens noivos que enfim todos esperavam, o mundo celebrava o banquete nupcial de Tétis e Peleu.

Tétis, ou Tétide, era a mais bela das cinquenta ninfas filhas de Nereu, antigo deus dos abismos marinhos. A sua juventude e os seus modos fascinantes tinham feito perder a cabeça mesmo ao pai dos deuses, deus do céu e da terra, Zeus, que, não obstante estivesse já casado com a sua irmã Era, deusa da abundância, era normal entregar-se em desleais aventuras com as mais lindas mocinhas do mundo.

Acontecera que próprio quando Zeus, sob falsos espólios, estava prestes para unir-se com Tétis, chegou inesperadamente o tempestivo Hermes, levando ao seu pai uma urgente missiva:

o Titã Prometeu, há anos preso por Zeus num penhasco do Cáucaso por ter roubado o fogo divino e tê-lo oferecido aos homens, estava por referir algo que se tivesse sido ignorado teria feito perder ao deus supremo o trono e a supremacia no Olimpo.

Assim, o divino sedutor precipitou-se como uma flecha de Prometeu e a estes prometeu de pôr fim ao cativeiro e ao atroz suplício ao qual lhe tinha condenado se este último lhe tivesse desvendado imediatamente o que atentava ao seu trono e incomodava desde sempre os seus sonos. E enquanto fazia solene juramento, deixou voar uma enorme águia, majestosa, impressionante, a qual lançou-se com as suas garras contra um abutre que no entanto chegava inesperadamente de Oriente. Aquele tétrico abutre devorava a fígado do pobre Prometeu durante o dia, abandonando a sua vítima nas horas nocturnas, durante as quais o órgão abdominal, por vontade divina, fatalmente e cruelmente se recompunha, pronto para ser devorado no dia seguinte. Era aquele o infinito suplício escolhido pelo pai dos deuses.

Só depois que o bico da ave de rapina estatelou-se no chão e que a águia voltou aos pés do seu senhor, Prometeu ergueu a cabeça esgotado e enquanto um chuvisco ligeiro molhava os seus lábios áridos, aceitou o compromisso ditado pelo seu carrasco, revelando que se Zeus tivesse concebido um filho com Tétis, estes teriam feito ao seu pai o que o seu pai tinha feito ao seu avô.

À tal, advertência, o pai dos dois apavorou-se, o céu trovejou, um raio rasgou a terra e as águas transbordantes do Ponto

recordaram a Zeus a hedionda modalidade com a qual na noite dos tempos tinha matado o seu pai Cromo destituindo do trono dos tronos.

Prometeu foi logo libertado e Zeus renunciou para sempre à Tétis sentenciando que nenhum ser da natureza divina poderia por acaso unir-se à filha de Nereu, a qual viria a ser esposa de um humilde mortal, o mais forte dos príncipes naquela altura vivos em Peleu, filho de Eac, rei de Tessália, aquele que depois de mil peripécias tinha conseguido efectuar a proeza do toirão de ouro em seguimento de Jasão e dos outros 54 argonautas, aquele que tinha sido formado pelo Centauro Chitone, aquele que nem que mortal poderia combater como um deus, aquele que devotíssimo a Zeus teria vigiado dia e noite à futura esposa a custo da sua própria vida.

Eis porque, não obstante a heterogénea natureza dos noivos, as núpcias que se estavam a preparar eram abençoadas pelos homens como pelos deuses, eis porque as testemunhas das núpcias eram Era e Zeus em pessoa e eis porque deuses e numes de toda a parte da terra, do mar e do céu acorriam para o monte Pelio para festejar o clamoroso evento.

Finalmente, escoltados pela carroça dourada de Apolo, chegaram os dois noivos e entre mil festejos ocuparam os seus lugares no centro da mesa posta com as suas saborosas guloseimas da terra; logo ao lado deles sentavam as divinas testemunhas e depois Poseidon, deus do mar, Ade, deus dos infernos, a sua mulher Perséfone, deusa da exuberância

primaveril e do verão, e Apolo, deus do sol e das artes, e Ares, deus da guerra, e Atena, deusa da sabedoria e da fortaleza, e Afrodite, deusa da beleza, Artemísia, deusa da caça, e ainda Hermes, Demetria, deusa das mensageiras e da fecundidade da terra, Hefesto, deus do fogo e da operacionalidade, Temes, deusa da justiça, Irene, deusa da paz, Éolo, deus dos ventos, Dionísio, deus do vinho e do jogo, etc. etc., até todos os reinantes e notáveis da terra.

Tudo estava organizado nos mínimos detalhes, tudo estava perfeito, ou melhor divino, a felicidade era notoriamente legível nos olhos de todos os convidados e o amor naquele dos noivos, ainda antes que Eros esticasse o seu arco e lançasse sobre eles as flechas fatais.

Um cheiro de néctar e ambrósia inebriava e espalhava-se no ar todas as vezes que os dois copeiros, Ganímedes, filho do rei Troo, e Ebe, deusa da juventude, serviam de cada vez todos os convidados.

Apolo, aconselhado pelo seu pai, chamou junto de si as Musas (Clio, Euterpe, Talia, Melpómene, Terpsícore, Erato, Polímnia, Calíope e Urânia), mais as três deusas (Aglaia, Eufrosina e a outra Talia) e começou, acompanhando-se com a cetra (escudo), a cantar as gestas de Peleu.

O som daquele instrumento divino encantou todos os presentes e ressoou em toda a terra até que chegou aos ouvidos também dos surdos e da feiíssima Eris, deusa da discórdia, o único nume a não ter sido convidado ao banquete. No dia anterior

ela tinha tentado introduzir-se ao ajuntamento divino mas foi escoltada por Eros e pelo Dionísio que se tinham escondido num bosque com as Nereides e Oceânides às ocultas de Poseidon.

Também Ares, que depois de ter animosamente discutido com a Irene tinha-se afastado com Afrodite, notou aquela sombra suspeita e, agarrada pela garganta, fez andar aos tombos a indesejada deusa por toda a parte lateral ocidental do monte Pelio, intimidando-a para não voltar mais.

Mas o canto de Apolo e vozearia calorosa dos participantes acresceu a raiva e a indignação de Eris até ao ponto que esta ultima forjou um diabólico plano das mais insuspeitadas e imprevisíveis consequências...

A Discórdia foi até aos confins da terra, ali onde Atlante, irmão de Prometeu, tinha sido relegado a sustentar a volta celeste culpado por ter participado na guerra dos Gigantes contra Zeus. Na horta das julianas/Hespérides, filhas de Atlante, cresciam as árvores dos pomos de ouro; Eris colheu por engano o pomo mais bonito e com ele logo regressou em Tessália.

Chegou ao banquete já quando os festejos encaminhavam-se para o seu fim e os convidados, um por um, faziam exibicionismo das prendas trazidas aos noivos: Poseidon ofertou a Peleu dois lindíssimos cavalos, Balio e Xanto, os mais velozes do mundo, dotados de palavras e de previdências, Era ofereceu a Tétis um magnifico peplo historiado bordado, Afrodite ofereceu uma taça de bronze e um diadema de ouro, Atena uma flauta de ouro, Hermes uma carroça de bronze e marfim, uma pesada lança de

flechas em bronze.

Assim, enquanto todos admiravam as feições daqueles estupendos brindes, Eris conseguiu intrometer-se na festa e esconder-se num canto obscuro onde ninguém podia vê-la mas suficientemente próximo para poder lançar sobre a mesa, já quase vazia, o “pomo da discórdia” que tinha há pouco roubado às filhas de Atlante.

Não obstante que fosse pouco lúcido pelas 99 gotas de vinho bebidas na competição com Dionísio, Zeus foi o primeiro a dar-se conta do pomo; ele conhecia bem aqueles frutos e, antes que todos os outros lançassem inevitavelmente o olhar sobre aquele extraordinário fruto sentenciou: “é da horta das Hespérides!”.

De repente todos, inclusive os noivos, foram capturados por aquele pomo que sobressaía no centro da mesa e alguém supôs que fosse um outro presente para aquelas inesquecíveis núpcias.

Sempre Zeus notou que naquele fruto havia uma escrita, mas o vinho absorvido lhe impedia de distinguir perfeitamente as letras e então mandou o pomo para Atena, a mais douta entre os deuses, pedindo-lhe para ler a escrita para todos. Atena não hesitou e leu a curiosa mensagem: “Para a mais bela”, reenviando o fruto ao seu pai para que decidisse ele a quem destiná-lo.

Estava, certa que o seu marido não tivesse tido dúvidas, nem custou muito ao apresentar as suas razões de esposa e primeira deusa a fim de apoderar-se daquele extraordinário presente. Logo depois interveio Afrodite, recordando a Zeus que não é por acaso que lhe pertencia o título de deusa da beleza.

Enfim avançaram outras deusas e ninfas, todas com razoáveis argumentações, mas no fim a terceira candidatura reuniu-se em volta de Atena que, além da corporeidade estatutária, vangloriava também uma beleza interior e intelectual indiscutível.

Na tal contenda, até Zeus manifestou o seu embaraço e, quando o murmúrio cresceu à desmedida até tornar-se disputa, emitiu um grito poderoso como cem raios, deixando a todos mudos. Encolerizado e titubeante deu alguns passos distanciando-se do banquete deixando a Temes, deusa da justiça, o fardo da escolha.

Temes, por sua vez, depois de ter convencido a todos que cada um tinha as próprias boas razões e que ninguém entre os presentes estava em condições de julgar objectivamente uma vez que, quem por um motivo, quem por um outro, envolvido emocionalmente, por cima do cargo recebido, sentenciou: “A escolha caberá a Páris do monte Ida, aquele que será o mais lindo entre os homens”.

Só agora, Zeus, que não via a hora de fazer passar com o repouso a bebedeira acusada, exprimiu a sua paterna aprovação para com o sentenciado e decretou definitivamente concluída a questão.

Assim, depois de vários anos, quando Páris alcançou a máxima beldade juvenil, as três deusas candidatas, precedidas por Hermes, partiram em direcção do monte Ida.

O julgamento de Páris e o regresso à Tróia

Durante a viagem Afrodite, sem o conhecimento das outras deusas, conseguiu seduzir Hermes e surripiar deste o segredo de Páris, desvendado naquela noite ao deus pelo seu filho Pan: o jovem pastor era na verdade Alexandre, príncipe de Tróia, filho de Príamo e Hécuba. Ele foi abandonado ao seu nascimento no monte Ida pelos seus progenitores, visto que um adivinho tinha a eles profetizado que aquele filho seria a causa da queda de todo o reino de Tróia. O Rei Príamo, incapaz de provocar com sua manu a morte do filho, ordenou que fosse deixado naquele monte conhecido de todos pelos invernos rigorosos e pela presença de feras ferozes.

A criança mandada ao encontro da morte certa que foi amamentada e protegida por uma grande urso e sucessivamente cuidado e criado por uma família de pastores e que nas mãos desta cresceu forte e lindo, a mesma, a tinha descoberto seguindo a urso até ao covil e fortuitamente descobriu também a cesta do recém-nascido.

Quando Hermes e as três deusas alcançadas por Páris, estas estavam na sombra de um carvalho tocando a sua fistula de sete tubos, reparando com satisfação o rebanho, ignorando a incrível visita.

Manifestando-se diante do jovem, Era começou dizendo que,

sendo seu, o privilégio de distribuir riqueza e poder aos mortais, se ele tivesse recebido tal prêmio teria feito de Páris o mais rico e poderoso dos homens.

Atenas, pelo contrário, em troca do pomo oferecia inteligência, sabedoria e valor na vida e na guerra.

No fim apareceu Afrodite, bela mais do que nunca; explicou a Páris que ele já possuía tudo o que as suas concorrentes lhes ofereciam visto que ele na realidade era filho de pai rico e poderoso e na sua natureza já tinham todos preexistentes os carismas prometidos e que muito em breve lhe revelariam a sua nobre origem. Afrodite, pelo contrário, teria oferecido a ele o amor da mulher mortal mais linda, cujo nenhum homem poderia resistir à primeira vista.

Páris entreabriu os olhos, viu com a mente riqueza e poder, ficou fascinado pela suprema sabedoria, mas à imagem de Helena, a mulher prometida por Afrodite, não pôde não apaixonar-se instantaneamente e o resto dissolveu-se como as nuvens com o sol; ele abriu naquele momento os olhos e, enfim obcecado por amor, sem nenhuma hesitação deu o pomo nas mãos de Afrodite, não despreocupado pelo desdém e pelas ameaças de Era e Atenas que, derrotadas, sumiram.

Hermes correu de imediato para informar a Zeus da escolha de Páris, enquanto Afrodite prometia ao jovem pastor que muito em breve conheceria a sua nobre estirpe e o amor; deveria contudo correr para recuperar a roupa que envolvia na cesta o seu corpo de infante e partir o mais rápido possível para Ílio, a

esplêndida capital chamada também Por Tróia; lá se inscrevera aos jogos do reino pelos quais estava em jogo o touro gordo que antes os soldados do rei tinham-no confiscado ao gado daquele que o julgava seu pai.

Páris, encantado e estupefacto, obedeceu sem delongas e, com uma rústica lança, um arco e a sua característica fístula, chegou finalmente em Tróia, a “cidade dos muros de ouro”. Ela nascia sobre uma amena colina entre o Helesponto e o mar Egeu. Aos pés da colina corriam dois rios, o Scamandro a ocidente e o Simoenta a norte.

Lá, com Afrodite ao seu lado, bateu, um depois do outro, todos os participantes ao torneio, sob o olhar dos soberanos e do príncipe Heitor, o mais forte e valoroso herói troiano.

No momento da distinção, o vencedor aproximou-se ao palco real para receber a investidura e a bênção de Príamo, mas, quando ficou a uma dezena de passos da cadeira do rei, a princesa Cassandra emitiu um estridente grito de desgraça; Príamo e a sua senhora gelaram, reconhecendo só naquele momento a roupa que aquele jovem trazia em vida; só então concretizam exactamente que aquele deselegante pastor vindo do monte Ida, armado de simples armas mas capaz de bater todos os mais fortes nobres troianos, não podia que ser o seu amado filho Alexandre, abandonado entre as lágrimas há vinte anos.

Tróia foi festa durante 7 dias e 7 noites e, não obstante a inicial inveja e o surdo rancor mantido dos seus cinquenta irmãos, das doze irmãs e dos jovens nobres troianos, Páris conseguiu

bem cedo fazendo-se estimar e amar por todos, sobretudo por Heitor, o seu irmão mais velho. Apenas Cassandra continuava a desconfiá-lo e a amaldiçoá-lo em todas ocasiões que se encontravam, incitando muitas vezes o seu pai e a sua gente a expulsá-lo da cidade antes que se executasse a fatal profecia. Tróia viria a ser destruída e a sua família exterminada dentro das chamas. Cassandra, efectivamente, na tenra idade, por ter rejeitado de corresponder o amor de Apolo, tinha sido condenada por vontade divina para não ser por ventura dado crédito nas suas profecias que o seu divino amante lhe inspirava. A infeliz princesa conseguia predizer todas as desgraças que pontualmente arrasavam a sua gente mas de todas as vezes ninguém fiava-se dela nem lhe dava crédito, ou melhor era evitada por todos e considerada pouco sã de mente.

Конец ознакомительного фрагмента.

Текст предоставлен ООО «ЛитРес».

Прочитайте эту книгу целиком, [купив полную легальную версию](#) на ЛитРес.

Безопасно оплатить книгу можно банковской картой Visa, MasterCard, Maestro, со счета мобильного телефона, с платежного терминала, в салоне МТС или Связной, через PayPal, WebMoney, Яндекс.Деньги, QIWI Кошелек, бонусными картами или другим удобным Вам способом.